GALERIA VERA CORTÊS

André Guedes Formas Antigas, Novas Circunstâncias

22 Novembro 2019 – 18 Janeiro 2020

22 November 2019 – 18 January 2020

João Mourão e Luís Silva
Novembro 2019

Em 2009, a convite de Chus Martínez, uma das sete curadoras da segunda edição da Bienal de Atenas, André Guedes apresentou *Old Forms of Future Events,* um projeto especulativo que tomou a forma de uma conferência-performance e que, a partir de dois livros, um estudo arqueológico sobre Tróia, de Carl W. Blegen, e um estudo urbanístico sobre o desenvolvimento das cidades italianas no pós-guerra, de Marcello Fabbri, se interrogava sobre o estatuto do registo da transformação das cidades como objeto encontrado (como artefacto arqueológico narrativo, discursivo, político, estético e ético) e que subjetividades e visões políticas estão associadas a esses mesmos registos.

Em 2019, para a sua segunda exposição na Galeria Vera Cortês, André Guedes apresenta *Formas Antigas, Novas Circunstâncias,* um projeto que toma como ponto de partida a reflexão iniciada em 2009, mas assumindo agora uma outra via exploratória. Aprofundando o processo de associação livre entre um modelo urbano da Antiguidade, Tróia, e um modelo urbano contemporâneo, a cidade italiana da segunda metade do século XX, Guedes prossegue a análise dos processos transformativos sofridos pelo território e nesse processo delineia um percurso simultaneamente metafórico e político da cidade que pode ou não ter acontecido bem como a que poderá, ou não, vir a acontecer.

Simultaneamente, uma peça sonora, que empresta o seu título à exposição, desenvolvida em colaboração com o compositor Gonçalo Gato, ocupa o espaço de forma intermitente. Entendida como uma aproximação tangencial ao formato do recitativo operático, o libreto da peça apresenta um diálogo entre duas vozes masculinas, uma delas, possivelmente a de um historiador de urbanismo dando conta das transformações urbanas e sociais sofridas pelas cidades italianas durante a segunda metade do século XX e a outra, possivelmente a de um arqueólogo fazendo alusão aos processos históricos que conduziram à ascensão e queda da cidade de Tróia. A peça sonora prossegue assim o interesse de Guedes pelo potencial enunciativo da voz, seja através da oralidade ou do texto, bem como pelo poder retórico do diálogo. Gravada numa sessão em regime de ensaio, o esboço desta *pseudo-ópera* apresenta hesitações, pausas e repetições, testemunhando, e de alguma forma reproduzindo, a forma como processos históricos e sociais modelam de forma incerta e por vezes improvisada o território e as relações sociais que nele e a partir dele tomam forma.

O centro do espaço expositivo é ocupado por *Sem título* [palco/escavação], uma estrutura-escultura reminiscente de um palco e de uma zona arqueológica. Os elementos que a compõem são eles também resgatados de uma outra utilização, um projeto cenográfico desenvolvido por Guedes em 2016 [*O Impromptu de Versalhes*, encenação de Miguel Loureiro, TNDMII], funcionando assim de forma não completamente dissemelhante dos outros materiais a que o projeto recorre. São testemunhos simultaneamente performativos e arqueológicos duma utilização passada e que agora se constituem como mais uma camada discursiva. Operando diretamente com a arquitetura da galeria e com a ideia de performatividade, que atravessa toda a exposição, nomeadamente no diálogo operático da peça sonora, esta peça constitui-se como o locus onde estas formas antigas são atualizadas à luz (ou ao som) de novas circunstâncias.

Todo o trabalho de André Guedes é atravessado por uma estratégia que é ao mesmo tempo formal e discursiva e que opera por uma remoção e consequente descontextualização de diferentes materiais, físicos ou não, para depois os voltar a reinserir num contexto a que não pertencem e onde aparentemente não fazem sentido, geralmente um contexto expositivo. Em *Formas Antigas, Novas Circunstâncias,* esse movimento é temporal. Guedes arranca referências de dois passados distintos a partir de estudos também eles provenientes de épocas distintas e recontextualiza-os, rematerializando-os, no espaço físico da exposição e usando-os, num processo de estratificação narrativa, para especular visualmente sobre como processos macro-sociais se desenvolvem e poderão a vir desenvolver. O conceito de utopia e de construção de fenómenos comunitários e identitários alternativos que correm em paralelo é um dos interesses de Guedes e, neste caso, a sugestão da cidade que há-de vir, onde havemos de viver, é um exemplo perfeito de como o político se inscreve nos gestos do quotidiano.

João Mourão and Luís Silva
November 2019

In 2009, invited by Chus Martínez, one of the seven curators of the Athens Biennial's 2nd edition, André Guedes presented *Old Forms of Future Events,* a speculative project that took the form of a conference-performance that, based on two books — an archaeological investigation of the ancient city of Troy by Carl W. Blegen, and an urbanistic study of post-war Italian cities by Marcello Fabbri — reflected on the status of the register of the transformation of cities as a found object (as a narrative, discursive, political, aesthetic and ethical archaeological artefact) and on the political visions associated with these same registers.

In 2019, for his second exhibition at Galeria Vera Cortês, André Guedes presents *Formas Antigas, Novas Circunstâncias* [Old Forms, New Circumstances], a project based on a reflection he started in 2009, but now explored in a different format. Furthering a process of free association between an urban model of the Classical era (Troy) and a contemporary urban model (the post-war Italian city), Guedes deepens his analysis of the transformation processes undergone by a territory, outlining a metaphorical and political direction for the city; a direction that might or might not materialise, and a city that might or might not become a reality.

Guedes presents a series of ten artworks that consist of several prints on acetate overlaid on a wall. In *Untitled* [cerâmicas/plano inter-municipal], *Untitled* [esquina/centro de negócios], *Untitled* [utensílios/centro de negócios] and *Untitled* [torre e muralha/gasoduto], for example, black and white visions of a recent past, of diagrams and urban maps, of demonstrations and vast urban zones are superimposed with images of archaeological digs and artefacts presented in vibrant colours. The images were taken from the books by Fabbri and Blegen, the origin of this research. They are removed from their original context and subjected to Guedes's formal vocabulary. Transparency, colour, light, superposition and displacement act here as the necessary tools in an associative process that is both speculative and performative, juxtaposing contemporary and classical time in an improbable and palimpsestic way, as if they were geological strata about to be excavated, about to reveal something about our past, present and future.

At the same time and lending its title to the exhibition, a sound piece developed in a collaboration with composer Gonçalo Gato occupies the space intermittently. A tangential approximation to the operatic recitative format, the libretto of the piece introduces a dialogue between two masculine voices: one of them is, possibly, that of an urban design historian detailing the urban and social transformations undergone by Italian cities during the second half of the 20th century, and the second possibly that of an archaeologist alluding to the historical processes that lead to the rise and downfall of the city of Troy. The sound piece pursues Guedes's interest on the voice's enunciative potential (verbal or written), and on the rhetorical power of dialogue. Recorded in a rehearsal session, the sketch of this *pseudo-opera* features hesitations, pauses and repetitions, witnessing, and in some way reproducing how historical and social processes randomly shape the territory and the social relations that emerge from and within it.

In all the works by André Guedes, one can recognise a strategy that is both formal and discursive, operating through the removal and subsequent decontextualization of different materials, physical or not, and their reintroduction in a context in which they do not belong and where they don't appear to make any sense, usually an exhibition. In *Formas Antigas, Novas Circunstâncias*, this displacement is temporal. Guedes draws references from two different periods, based on studies produced in two different times, and recontextualises and dematerialises them in the physical space of the exhibition, using them in a process of narrative stratification that produces a visual speculation on the development of macro-social processes. The idea of utopia and the construction of alternative community and identity projects is one of Guedes' interests. In this case, the notion of a future city, one where we might live in one day, is a perfect example of how the political is always inscribed in our daily lives.

Sem Título **[Torre e Muralha/Gasoduto]**
Untitled **[Torre e Muralha/Gasoduto]**
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
103 x 73 cm

Sem Título **[Casas/Bairro]**
Untitled **[Casas/Bairro]**
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
100 x 76 cm

Sem Título **[Esquina/Centro de Negócios]**
Untitled **[Esquina/Centro de Negócios]**
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
104 x 72 cm

Sem Título **[Degraus e Pilares/Estudantes]**
Untitled [Degraus e Pilares/Estudantes]
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
127 x 73 cm

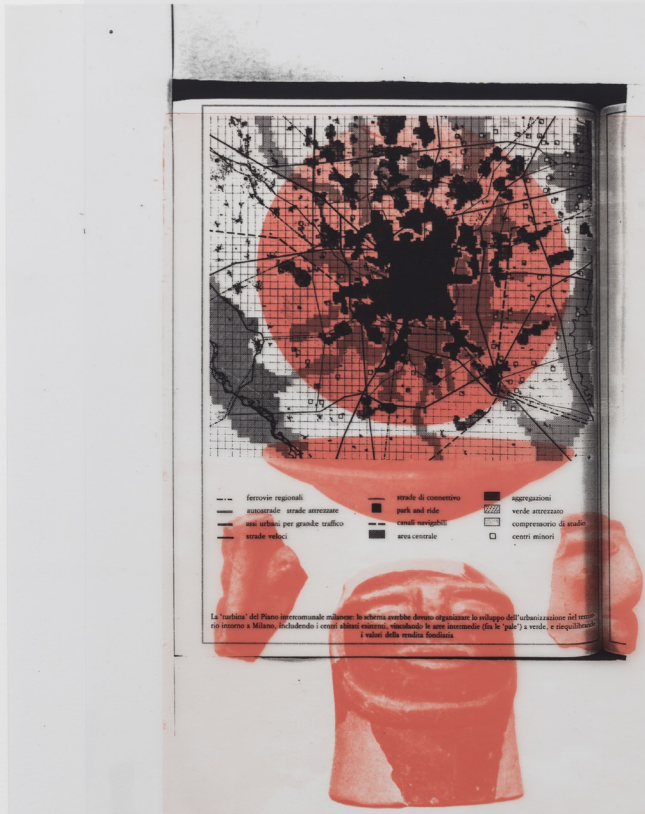
Sem Título **[Muralha e Torre/Estrada e Operárias]**
Untitled [Muralha e Torre/Estrada e Operárias]
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
103 x 74 cm

Sem Título **[Figuras/Manifestação]**
Untitled [Utensílios/Centro de Negócios]
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
101 x 78 cm

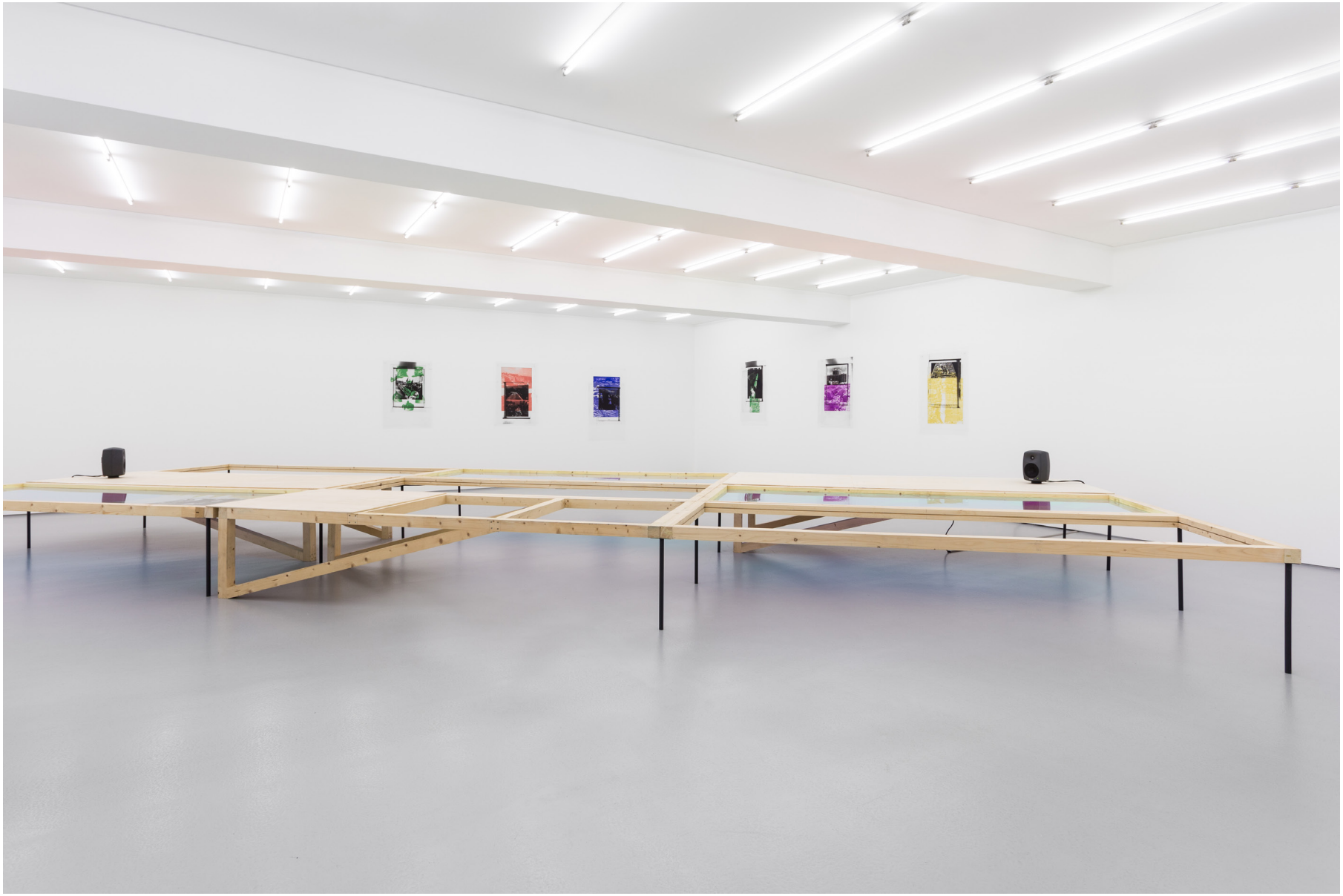
Sem Título **[Cerâmicas/Nova Cidade]**
Untitled [Cerâmicas/Nova Cidade]
2019
Conjunto de três impressões a látex sobre PVC
Set of three latex prints on PVC
125 x 113 cm

Sem Título **[Facas e Ídolos/Arranha-Céus]**
Untitled [Facas e Ídolos/Arranha-Céus]
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
104 x 72 cm

Sem Título **[Utensílios/Centro de Negócios]**
Untitled [Utensílios/Centro de Negócios]
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
101 x 78 cm



Sem Título **[Cerâmicas/Plano Inter-Municipal]**
Untitled [Cerâmicas/Plano Inter-Municipal]
2019
Conjunto de duas impressões a látex sobre PVC
Set of two latex prints on PVC
103 x 78 cm



Formas Antigas, Novas Circunstâncias, 2019
Estruturas em madeira e acrílico provenientes de uma cenografia (*O Impromptu de Versalhes*, TDMII, 2016) e peça sonora [texto: André Guedes; composição: Gonçalo Gato; intérpretes: Nuno Dias (baixo), Marco Alves dos Santos (tenor)]
940 x 340 x 60 cm (estrutura)
20'08'' (som)

Formas Antigas, Novas Circunstâncias, 2019
Wooden and acrylic structure from a scenography (*The Impromptu at Versailles*, TDMII, 2016) and sound [text: André Guedes; composition: Gonçalo Gato; performers: Nuno Dias (bass), Marco Alves dos Santos (tenor)]
940 x 340 x 60 cm (frame)
20'08'' (sound)

CANTOR I

A Tróia da arqueologia – a Tróia que pedreiros, carpinteiros e artífices edificaram com pedras, blocos de alvenaria, tijolos crus feitos com palha, toros e vigas de madeira, barro, e provavelmente colmo para os telhados – esta Tróia, no estado de ruína em que se encontra difere profundamente, pelo menos na aparência, da vistosa cidadela descrita nos poemas épicos.

CANTOR II

Como olhar hoje para tudo o que não foi alcançado no planeamento urbano?

Como falar da derrota dos urbanistas, sem discutir o processo de urbanização que eclodiu em Itália durante a década de 1950? Quando o número de edifícios construídos com materiais pobres e mão-de-obra desqualificada vinda do campo aumentou especulativamente. Os preços dispararam – A quantidade de novos edifícios triplicou – O custo médio dos terrenos aumentou dez vezes.

CANTOR I

O local das ruínas chama-se hoje Hissarlik. na Anatólia, Turquia. A elevação tinha um comprimento máximo de uns 200 metros e menos de 150 de largura. O seu cume, composto de escombros de habitações, atingia uma altura de 38 metros acima do nível do mar. Tróia floresceu até o estabelecimento de Constantinopla e declinou gradualmente durante o Império Bizantino, até ser abandonada.

CANTOR II

A velha Itália pré-industrial, subdesenvolvida, transformava-se. Novos parâmetros, novas dimensões territoriais. Migrações. As pessoas deixavam para trás um passado – o campo.

As cidades geravam novas áreas urbanas – as áreas metropolitanas. Auto-estradas, novos percursos – novas dimensões. A paisagem passou a ser percebida como um plano sequência cinematográfico, ficcional – artificial. Paisagens urbanizadas tornaram-se *naturais* através de vias compridas asfaltadas – portagens, motéis, estações de serviço. Os subúrbios urbanos em expansão.

CANTOR I

Poucas estações arqueológicas foram escavadas de maneira tão prolongada e sistemática como Hissarlik. As escavações revelaram várias cidades – construídas uma após a outra. Nove cidades sucessivas em 35 séculos.

CANTOR II

Os ideais e as práticas teóricas dos urbanistas estavam desajustados da realidade da sociedade italiana. Havia uma insatisfação crítica pelo ideal do movimento Moderno – A transformação do mundo pelo desenho.

A maioria dos arquitectos assumiu o papel imaginário de planeadores – mas foram incapazes de reconhecer uma nova geração que impulsionava o debate em torno da organização no espaço desses ideais. A ilusão desses urbanistas era perigosa – desfasada dos poderes políticos.

Até que ponto as suas utopias não eram uma evasão? Um caminho fértil numa realidade cheia de contingências e casos específicos?

Os projectos não saíram da esfera das propostas figurativas. Os planeamentos eram uma composição de formas geométricas numa planta – centros de negócios, traçados de grandes infra-estruturas. A cristalização da imagem do Estado, do poder público.

A favor de uma ideia de eficiência, estética e ordem pública, a racionalização teórica dos urbanistas correu a imaginação individual – reduziu o debate público sobre os projectos.

Foi um erro eliminar do planeamento urbano o elemento de conflitualidade – a discussão de ideias. Os projectos foram aplicados a uma não-realidade removida de todo o valor operativo da imaginação da sociedade civil.

CANTOR I

Na inexistência de documentos escritos, a única fonte de informação disponível para reconstituir a história e a maneira de viver do povo troiano, é o material desenterrado nas escavações – nas ruínas das paredes – nos edifícios dos estabelecimentos sucessivos – na série de objectos recolhidos em camadas de entulho.

CANTOR II

No início dos anos 60 uma nova geração de estudantes começou a analisar as características – e o itinerário histórico – dos processos de planeamento urbano em curso na tentativa de identificar soluções para alguns desequilíbrios – como a elevada migração e o êxodo rural – e algumas inconsistências – como o contraste entre a expansão económica e o retrocesso das soluções políticas e administrativas.

A sua mobilização foi uma motivação para a autonomização da luta dos trabalhadores – As intervenções aconteciam nos estaleiros de obras – Promoviam a criação de jornais locais redigidos pelos trabalhadores – Criaram-se comités nos bairros e nas escolas das comunidades.

A acção destes grupos foi uma força para ajudar a determinar uma política de planeamento – As questões eram abordadas do lado da habitação e da vida quotidiana – A reapropriação da cidade através de organizações autónomas e espontâneas pensadas para terem um impacto nas instituições públicas. Uma acção disruptiva que acabou por influenciar a estrutura do Estado e questionou a rigidez do poder centralizado – o funcionamento pré-estabelecido da sociedade urbana.

A proliferação de grupos formados espontaneamente – destinados a gerir lutas urbanas através de comités de fábricas, conselhos locais ou outras formas de iniciativas descentralizadas – alimentou um produtivo conflito através de práticas sociais que trouxeram uma nova força à sociedade italiana. Um processo de reestruturação – de baixo para cima.

CANTOR I

Em quase todas as diferentes cidades que se destruíram e sobrepuseram em Tróia, encontraram-se objectos importados, resultado de ligações comerciais e outras. Eles permitem, estabelecer sincronismos entre as diferentes culturas e regiões da bacia do mediterrâneo – e mais além. Comparar esses documentos com os de outros lugares é o caminho possível para a compreensão da história das sociedades que ali existiram.

CANTOR II

Foram fundamentos e pontos de partida encontrados na vida local das cidades – na vida das associações – no desejo geral de acção e luta que cimentavam as comunidades – na própria desintegração de formas e estruturas instituídas. Foi um movimento de transição.

LISTEN TO AN EXCERPT

André Guedes
Lisboa, 1971

André Guedes (Lisboa, 1971) licenciou-se em Arquitectura (FA-UTL) e frequentou o mestrado de Antropologia do Espaço (FCSH-UNL). A sua prática artística combina frequentemente o trabalho de campo e a investigação de fontes documentais visuais e escritas, explorando temas da história social e política, da qual resultam instalações, performances e intervenções no espaço público. Tem também colaborado regularmente em teatro e nas artes performativas como cenógrafo e dramaturgo.

Expôs individualmente no Pavilhão Branco/Galerias Municipais de Lisboa (2017), MACE - Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2015), Vera Cortês Art Agency (Lisboa, 2015), CAM/Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa 2014), Galerie Crèvecoeur (Paris, 2010 e 2013), Kunsthalle Lissabon (Lisboa, 2011), Centro Cultural Montehermoso (Vitoria, Espanha, 2009), The Bluecoat (Liverpool, 2009), Chiado 8/Culturgest (Lisboa, 2007), Galeria Miguel Nabinho (Lisboa, 2005 e 2008) e Museu de Serralves (Porto, 2004).

Participou em exposições colectivas em instituições tais como MACE - Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2018), Cité Internationale des Arts (Paris, 2018), Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira, 2017), MAAT (Lisboa, 2017), David Roberts Art Foundation, Londres (2017), Le Tripod (Nantes, 2014), Biennale de Rennes (2012), De Appel (Amsterdão, 2010), Fondazione Pistoletto/Cittadellarte (Biella, 2010), La Génèrale (Sèvres, 2010), Bienal de Atenas (2009), Dunkers Kulturhus (Helsinborg, 2008), Prague Triennale (2008), Palais de Tokyo (Paris, 2005).

Foi co-autor dos espetáculos ‘como rebolar alegremente sobre um vazio Exterior’ (2010) e ‘Nova, Caledónia’ (2014) com o ator/encenador Miguel Loureiro, e ‘Aqui Também Acabou’ (2008) com a companhia de teatro Cão Solteiro. Além dos espectáculos referidos, elaborou igualmente o desenho do espaço e elementos cénicos de obras de Vera Mantero, Miguel Pereira, Martine Pisani e Miguel Loureiro, entre outros.

Participou em diversos programas de residências, nomeadamente Gasworks (2011), Le Pavillon/Palais de Tokyo, (2004/2005) e Fondazione Pistoletto (2003). Em 2007 recebeu o Prémio de Artes Plásticas União Latina.

André Guedes
Lisbon, 1971

André Guedes (b. 1971, Lisbon) studied Architecture and Anthropology of Space. His art practice often combines fieldwork and research of visual and written documentation, exploring subjects of the social and political history, leading to installations, performances and interventions in the public space. He also works regularly in theatre and performing arts as set designer and dramaturgist.

Selected solo exhibitions include Pavilhão Branco/Lisbon's Municipal Galleries (2017), MACE - Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2015), Vera Cortês Art Agency (2015), Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2015), Calouste Gulbenkian Foundation's CAM (Lisbon, 2014), Galerie Crèvecoeur (Paris, 2010 and 2013), Kunsthalle Lissabon (Lisbon, 2011), Montehermoso Cultural Center (Vitoria, Spain, 2009), The Bluecoat (Liverpool, 2009), Chiado 8/Culturgest (Lisbon, 2007), Serralves Musem (Porto, 2004).

His work has been featured in group exhibitions in institutions and galleries such as MACE - Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2018), Cité Internationale des Arts (Paris, 2018), Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira, 2018), MAAT David Roberts Art Foundation, London (2017), Le Tripod (Nantes, 2014), Biennale de Rennes (2012), De Appel (Amsterdão, 2010), Fondazione Pistoletto/Cittadellarte (Biella, 2010), La Génèrale (Sèvres, 2010), Bienal de Atenas (2009), Dunkers Kulturhus (Helsinborg, 2008), Prague Triennale (2008), Palais de Tokyo (Paris, 2005).

His works for the stage include 'Nova Árgea' (Teatro Maria Matos, 2017), 'New, Caledonia' (Culturgest, 2014) and 'how to merrily roll over an Exterior emptiness' (Alkantara Festival, 2010) in collaboration with Miguel Loureiro, and 'Aqui Também Acabou' (2008) in collaboration with theater company Cão Solteiro. He also did the set design for choreographers such as Vera Mantero, Miguel Pereira and Martine Pisani.

He did several residency programs, namely Gasworks (2011), Le Pavillon at Palais de Tokyo, (2004/2005) and Unidee at Fondazione Pistoletto (2003). In 2007 he received the União Latina Fine Arts Award in Portugal.

Fotografia / Photography: Bruno Lopes